

Ebape, a escola que faz escola: 50 anos

Do regime seriado ao sistema de crédito: pioneirismo da Ebape no ensino superior do Brasil

Paulo Reis Vieira*

I

Iniciou-se no país, em fins da década de 1960 e início dos anos 1970, uma transformação substancial no ensino superior, notadamente com referência a cursos de graduação, com a substituição do regime seriado pelo de crédito. As mudanças, inspiradas em modelos alienígenas, atingiam a formatação de grades curriculares e introduziam novas concepções e ideologias educacionais e modificações profundas nas práticas de gestão acadêmica.

Em seu Curso de Graduação em Administração Pública, a Ebape assumiu atitude pioneira ao introduzir, em 1967, antes mesmo que as universidades públicas o fizessem, o sistema de ensino baseado na obtenção de créditos em disciplinas constantes da grade curricular. A legislação oficial definia o valor do crédito e permitia que o discente se inscrevesse em disciplinas, fossem obrigatórias ou eletivas, conforme seu juízo, resguardadas as condições e requisitos estabelecidos pelo regimento e normas da Ebape, então Ebap. Assim, profunda transformação ocorreu nas relações docente-discente-escola, exigindo a reformulação do próprio

papel da educação, da função do professor e da visão tradicional do aluno em relação à instituição escolar, já que a convicção de pertencer a uma turma se destruía com inscrições individuais em disciplinas e conforme ordem de chegada no momento da inscrição, até o preenchimento do número estabelecido de vagas por disciplina.

II

Os desafios enfrentados pela escola, ao pensar e atuar em novo regime de ensino, podem ser lembrados. Em esforço de retroagir no tempo, destaca-se o papel da escola ao ter servido como modelo a instituições de ensino superior. A experiência da Ebape, antecipando-se ao que se transformaria em alternativa insuperável para o ensino de terceiro grau no país, foi analisada e avaliada por educadores e gestores educacionais para dela extrair insumos para suas próprias mudanças.

O primeiro grande desafio trouxe à tona o caráter político da educação e do ensino. É inquestionável o sentido político de ambos. Alegou-se, o que ainda ocorre, que o regime de crédito desbaratava o *esprit de corps*, dificultava o proces-

* Professor titular da Ebape/FGV.

so de socialização entre jovens e fragmentava a formação profissional, favorecendo o individualismo e enfraquecendo movimentos estudantis contestadores de regimes políticos antidemocráticos. Não se pode olvidar que o contexto onde as mudanças ocorreram na escola, em termos nacionais e internacionais, se caracterizava por forte e intensa mobilização estudantil e da academia, de modo geral, em prol de conquistas libertárias e antiautoritárias. Assim, houve forte resistência, à época, à mudança que se implementou na escola.

O segundo enfrentamento, nem tanto de natureza política mas predominantemente de cunho gerencial, se referiu a procedimentos de gestão acadêmica que exigiram criatividade e esforço por parte de todos os funcionários da escola e, também, de seus professores e alunos.

O sistema de inscrição por disciplina tornou a questão acadêmica mais complexa e, não fosse ágil, demoliria todo o sistema. Registros escolares, históricos de desempenho, organização de turmas e horários, conciliação de interesses docentes e discentes, além de questões substantivas de maior envergadura, como o estabelecimento de critérios diferenciados de avaliação do processo ensino-aprendizagem — já que, ao contrário do sistema seriado, a inscrição em disciplinas obrigatórias poderia ser adiada —, exigiram trabalho incessante de supervisão e orientação por parte do responsável direto pelo curso de graduação.

III

A experiência da Ebape demonstrou, de sobejo, ao contrapor os sistemas de créditos e seriado, alguns limites e possibilidades de ambos.

No que se refere ao primeiro, o discurso apontava e ainda sinaliza para maior flexibilidade e individualidade no atendimento de necessidades e interesses do educando. Indubitavelmente, a vivência ebapiana — baseada em concepção educacional de que cabe ao aluno responsabilizar-se por sua própria aprendizagem, com ampla liberdade de escolher disciplinas, temas e tópicos de estudo — revelou, com destaque, a superioridade do sistema de crédito. Porém, o principal desafio para seu sucesso consiste na necessidade de montagem de sistema ágil e atualizado de informações em tempo real. Ademais, a instituição de ensino tem de disponibilizar aconselhamento e orientação permanentes a estudantes, a fim de que possam construir, de acordo com os limites estabelecidos pelo currículo, seu próprio plano de estudos. A Ebape, se comparada com a PUC, por exemplo, venceu essas dificuldades com alguma facilidade, por tratar-se de estabelecimento isolado de ensino, em que o corpo discente não ultrapassava cinco centenas de alunos.

Em relação ao sistema seriado, há os que lamentam seu desaparecimento, principalmente por garantir, ao contrário do sistema de crédito, vivência grupal por longo tempo, permitindo, assim, uma formação político-cívica mais consistente. Também se pode atribuir-lhe formação mais compacta, embora com críticas à uniformização e ao currículo igual para todos.

IV

Em seu cinqüentenário, a Ebape de hoje relembra momentos marcantes em sua trajetória. A introdução do sistema de créditos, sem dúvida, foi um deles.

Vale olhar para trás para entender e aperfeiçoar o que se faz no presente e, principalmente, projetar o futuro.

Dois professores e ex-alunos foram ouvidos na Ebape atual. Ambos vivenciaram os dois regimes objeto deste relato

memorial. Um opinou energicamente a favor do sistema seriado, alegando a fragilização do coletivo pelo sistema de crédito. Outro preferiu este último, desde que a instituição de ensino estruturasse sistema eficiente e eficaz de gestão acadêmica.

A história se faz, se refaz, se faz, se refaz...